

As vantagens de um tal estabelecimento bem organizado são tantas, e por vós tão conhecidas, que me abstenho de cansar a vossa attenção enumerando-as. Dir-vos-hei cemtudo, senhores, que em todos os paizes onde se tem realisado esta idéa, os resultados têm sido os mais satisfactorios, e é tal a importancia que ainda está merecendo, que lá vemos agora o collegio dos pharmaceuticos em Barcellona procurando seguir os proficuos exemplos dos collegas de Madrid.

Anime-se pois a classe pharmaceutica d'estes desejos, conduza á realidade a obra encetada pelos primeiros instituidores d'esta sociedade, e estamos certos que superando todas as difficuldades que se nos antolham, um bello resultado aguarda os interesses da classe e do publico.

Tenho-vos fallado, senhores, dos principaes males que affectam a nossa classe, e do muito que temos a fazer para remove-los. Agora em cumprimento do que ordenam os nossos estatutos, occuparei a vossa attenção com um objecto não menos importante, qual é o monte pio pharmaceutico.

Os fins com que a nossa sociedade fundou esta instituição pia, consignados especialmente no § 4.º do artigo 3.º dos nossos estatutos, foram os mais justos e philanthropicos, porém a experiencia de tantos annos tem-se encarregado de levar á evidencia a impossibilidade do augmento e prosperidade que são para desejar em estabelecimentos d'esta ordem. A sociedade pharmaceutica, reconhecedora d'esta triste verdade, e querendo ainda esgotar o ultimo recurso para promover o seu engrandecimento, fez convite a todos os socios para se alistarem nas fileiras d'este estabelecimento. Os resultados não correspondendo á expectativa da sociedade, esta deliberou pedir ao governo de Sua Magestade a approvação de um artigo adicional aos mesmos estatutos, para que assumindo toda a gerencia, possa velar pela boa sorte do monte pio, pela melhor e regular administração de seus fundos, e isto para que os socios tenham garantidos os seus direitos. Aguardâmos a resolução do governo, que contâmos será favoravel aos nossos desejos, e confiâmos que pelo augmento de

alguns associados, quando não resulte o incremento que devíamos esperar, ao menos resultará a sua conservação.

Mas se o fim das associações é promover o interesse dos seus associados, muito é para desejar que estes colham a maior somma de beneficios. Muito me prezo de estar diante de uma respeitavel*assembléa, em cujo espirito existe a verdadeira philanthropia e amor da humanidade. Satisfaz-nos ver a boa vontade com que muitos pharmaceuticos têm por varias vezes concorrido com o seu obulo para valer áquelles de nossos collegas a quem os infortunios privam de ganhar o pão. Estes actos, dignos de registrar-se, provam mais uma vez qual o poder das associações, quando bem organisadas e administradas por quem tenha a peito os verdadeiros interesses de seus associados. Desgraçadamente, senhores, factos d'esta ordem dão-se continuamente, e é para não se tornar oneroso que lembro a necessidade de formarmos uma caixa de socorros mutuos, para valermos áquelles dos nossos consocios e collegas, que perseguidos pelo infortunio da doença ou porque chegados a uma avançada idade lhe falleçam as forças para prover á sua subsistencia e de sua familia.

E quem não sentirá despedaçado o coração vendo o collega que hontem vivia feliz, hoje abatido pela miseria? Quem não experimentará prazer rendendo um serviço humanitario, qual é o de enxugar as lagrimas dos infelizes?

Estas considerações, para nós de todo o peso, submetto-as aos vossos juizos, e permitti que antes de terminar vos falle ainda dos destinos d'esta sociedade.

Nenhuma corporação se pôde eximir de certos revezes que se apresentam na carreira de sua existencia. Esta sociedade, á maneira dos vastos e grandiosos imperios, já chegou ao fastigio da sua grandeza, porém algumas intermittencias lhe têm offuscado por momentos a sua prosperidade.

Felizmente os desastrosos acontecimentos que a accommeteram, e de que ia sendo victima, poderam atalhar-se a tempo.

Hoje o seu estado é mais prospero e lisonjeiro, devido em grande parte, certamente, á coadjuvação dos dignos secreta-

rios que me acompanham, e mais que tudo ao zêlo, coragem e decidida vontade da commissão por vós nomeada para gerir os fundos, e finalmente á maxima parte dos dignos membros d'esta sociedade, a quem n'este momento patenteamos a nossa gratidão por haverem concorrido para restabelecer antigos creditos financeiros.

Desculpae, senhores, se abusando da vossa paciencia e entregando-me á minha natural franqueza me tornei fastidioso, porém a exaltação produzida pelo prazer de vos endereçar a palavra em dia de tanto jubilo não me deixou attentar n'este excesso.

Se mais esperaveis de mim e não soube satisfazer á nobre missão de que fui encarregado, deveis antes attribui-lo á carencia dos meus talentos do que á falta de vontade, poisque cioso da gloria e prosperidade da nossa sociedade, e amante da classe a que muito me honro de pertencer, nutro os mais ardentes desejos de que usando dos vossos direitos façaes recair a escolha dos funcionarios que hão de gerir os negocios communs no futuro anno, nos muito elevados caracteres que esta sociedade conta em seu seio, que eu, como firme soldado, prometto concorrer para o seu importante movimento, pois é elle que constitue a alma de toda a natureza, entretem a ordem, dá a vida para nos pormos em acção contra o maior dos males, a indiferença, que conduzindo-nos á destruição, póde desviar-nos do verdadeiro caminho de podermos obter para a classe os melhoramentos e bem estar de que é digna e a que tem incontestavel direito. Disse.

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 700 DA SESSÃO DE 31 DE JULHO DE 1866

Presidência do sr. Joaquim José Alves

Pelas oito horas da noite foi aberta a sessão.

Lida e approvada a acta da ultima sessão litteraria e a da sessão solemne anniversaria, deu-se conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

Offícios.—1.º Do sr. H. M. Jorge de Lima, de Bragança, acompanhado de uma memoria para ser lida em sessão e publicada no jornal.—Recebido com agrado.

2.º Da procuradoria regia da relação de Lisboa, pedindo auctorisação para no laboratorio da sociedade se poder proceder á analyse de uma porção de xarope de phellandrio composto.—Concedida.

3.º Do sr. J. D. Correia, pedindo para de novo ser inscripto no quadro dos membros do monte pio pharmaceutico.—Que se mande inscrever.

4.º Do sr. F. J. Rodrigues Loureiro, para identico fim.—Que se mande inscrever.

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA

PROPOSTAS

Uma do sr. Vieira de Abreu, com declaração de urgente, propondo um candidato para a classe de membro correspondente nacional.

Admittida a urgencia, e procedendo-se á votação com as formalidades do costume, saiu unanimemente votado o sr. Antonio Olympio da Silveira Ceia, pharmaceutico em Peniche.

SEGUNDA PARTE DA ORDEM DO DIA

ELEIÇÃO DOS FUNCIONARIOS QUE HÃO DE SERVIR DURANTE
O TRIGÉSIMO SEGUNDO ANNO DA SOCIEDADE

O sr. *presidente* interrompeu a sessão por algum tempo, tendo previamente convidado os socios presentes a fazerem as suas listas, para se proceder ás eleições, cujo resultado foi o seguinte:

Presidente—o sr. Joaquim José Alves.

Primeiro vice-presidente—o sr. Lazaro Joaquim de Sousa Pereira.

Segundo vice-presidente—o sr. Francisco Antonio Rosa.

Primeiro secretario—o sr. Joaquim Urbano da Veiga.

Segundo secretario—José Ribeiro Guimarães Drack.

Primeiro vice-secretario—o sr. José Augusto da Silva Gameiro.

Segundo vice-secretario—o sr. Augusto de Oliveira Abreu.

Thesoureiro—o sr. Francisco José Rodrigues Loureiro.

Vice-thesoureiro—o sr. Eugenio Rodrigues de Oliveira.

Bibliothecario e archivista—o sr. Antonio Manuel Augusto Mendes.

Vice-bibliothecario e archivista—o sr. José de Matos Saraiva.

COMISSÕES PERMANENTES

COMISSÃO DE SAUDE PUBLICA

Os srs. José Thomás de Sousa Martins, Claudino José Vicente Leitão, José Mendes da Assumpção e Manuel Marques de Brito Costa, supplente.

COMISSÃO DE PHARMACIA

Os srs. Francisco Antonio Rosa, José Joaquim Pinto de Almeida, Eugenio Rodrigues de Oliveira e Augusto de Oliveira Abreu, supplente.

COMISSÃO DE CHIMICA

Os srs. Joaquim José Alves, Joaquim Urbano da Veiga, José Ribeiro Guimarães Drack e José Augusto da Silva Gameiro, supplente.

COMISSÃO DE PHYSICA

Os srs. José Dionysio Correia, Thomás de Aquino Alves, Antonio Romão Delgado Moreira e José Mendes Jara, supplente.

COMISSÃO DE HISTORIA NATURAL

Os srs. João José de Sousa Telles, José Gabriel de Sousa e Silva, Domingos Lucio Monteiro e Antonio Manuel Augusto Mendes, supplente.

COMISSÃO DE DIREITO PHARMACEUTICO

Os srs. José Tedeschi, Francisco José Rodrigues Loureiro, Lazaro Joaquim de Sousa Pereira e Francisco José Cabral de Quadros, supplente.

Em seguida o sr. presidente annunciou que os novos funcionarios tomariam posse dos seus logares na sessão immediata, e encerrou a sessão. Eram dez horas da noite. = O segundo secretario, *José Ribeiro Guimarães Drack*.

ACTA N.º 701 DA SESSÃO DE 8 DE AGOSTO DE 1866

Presidência do sr. Joaquim José Alves

Pelas oito horas da noite foi aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta anterior.

Deu-se conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

Officios. — 1.º Do sr. J. de Lima, de Bragança, sobre negocios da thesouraria. — Para o seu destino.

2.º Do sr. A. F. da Costa, do Rio de Janeiro, accusando a remessa de 455000 réis, pagamento de quotas de varios socios residentes no Brazil. — Inteirada.

3.º Do sr. C. J. Vicente Leitão, expondo as rasões que o inhihem de exercer o cargo de vogal da commissão de saude publica. — Recebido com pesar.

4.º De um socio correspondente, dando parte de que em Formoselha, concelho de Montemor o Velho, existe aberta uma pharmacia, cuja direcção está a cargo de um individuo não habilitado. E pedindo que a sociedade tome este facto na devida consideração.

A este respeito moveu-se alguma discussão entre o segundo secretario e os srs. Correia, Veiga e Martins, resolvendo-se, por lembrança d'este ultimo senhor, que se officiasse ao sr. delegado da sociedade n'aquella comarca, a fim de que s. s.ª solicitasse da administração do respectivo concelho uma publica fórma da auctorisação concedida pela mesma administração ao individuo, que se diz exercer a profissão illegalmente.

O sr. *Martins* pediu ao sr. presidente que o esclarecesse sobre o resultado de uma representação, que a sociedade ti-

nha dirigido ao conselho de saúde pública, por proposta sua, a fim de que em tempos de epidemia se adoptem certas medidas, pelo que diz respeito ao serviço nocturno das pharmacias da capital.

O sr. *presidente* declarou que não lhe constava que a representação em questão tivesse por enquanto obtido a approvação ou reprovação do conselho, visto este não se ter ainda dignado responder á sociedade, nem haver a tal respeito declaração alguma no livro da porta da mesma repartição.

O sr. *Veiga* notou que igual sorte tinha cabido a outra representação, que a sociedade tinha dirigido tambem ao mesmo conselho, pedindo que o uso do conta gotas de Salleron seja obrigatorio em todas as pharmacias do reino.

O segundo secretario offereceu, em nome do auctor, um exemplar da these apresentada e defendida em julho d'este anno, na escola medico-cirurgica de Lisboa, pelo sr. Joaquim José Galdes Leite, intitulada *Do cancro phagedenico e seu tratamento, a proposito de dois casos observados na clinica cirurgica da escola medico-cirurgica de Lisboa.*

O sr. *presidente*, o sr. primeiro e o segundo secretario agradeceram a honra que tinham recebido dos seus collegas, de os terem reeleito para continuarem no desempenho dos cargos que no anno preterito tinham exercido, e prometteram diligenciar corresponder á confiança n'elles depositada.

O sr. *presidente* declarou que a mesa apenas tinha recebido um officio da parte de um dos socios eleitos na sessão transacta, o qual se escusava do encargo para que tinha sido eleito, e que as commissões permanentes se não tinham reunido para nomearem os seus directores e vice-directores; em vista do que e em observancia dos estatutos (disse) ia ler a lista dos funcionarios para o anno presente.

Em seguida leu a lista, que é a mesma que figura na acta antecedente, aonde se representa o resultado das eleições. A escolha dos srs. directores e vice-directores das commissões permanentes recaiu nos socios que na mesma lista se

acham collocados em primeiro e segundo lugar, em cada uma das commissões respectivas.

O mesmo senhor apresentou uma proposta, que declarou urgente, para a admissão de um candidato na classe de membro correspondente.

Admittida a urgencia, e corrida a cedula segundo o costume, verificou-se ter obtido approvação unanime, para ser admittido na classe de membro correspondente nacional, o sr. Guilherme José da Silveira, pharmaceutico em Pereira.

O sr. *Telles* observou que muito conviria que as antigas commissões permanentes fizessem a entrega dos seus livros ás novas commissões, com a maior brevidade possivel, e que aquellas que os não possuíssem os organisassem, em conformidade com as determinações dos estatutos.

Como não houvesse mais cousa alguma de urgencia a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, e deu para ordem do dia da immediata—propostas, pareceres de commissões e segundas leituras. Eram onze horas da noite.—O segundo secretario, *José Ribeiro Guimarães Druck*.

ANNUNCIO

Preços para boticas ou drogarias de algumas especialidades preparadas na pharmacia Avellar, rua Augusta n.^{os} 225 e 227, Lisboa.

Oleo de figados de bacalhau com iodureto de ferro, frasco, réis	480
Injecção contra a gonorrhœa, frasco, réis	320
Elixir de pepsina, frasco, réis	550
Xarope de iodureto de ferro, frasco, réis	360
Xarope de quina e ferro, frasco, réis	440

A quem comprar vinte e cinco frascos faz-se de desconto 5 por cento, a prompto pagamento.

Deposito filial na pharmacia de Azevedo & Filhos, ao Rocio.

PHARMACIA

CULTURA DAS PLANTAS QUE DÃO A QUINA

(Continuado de pag. 254)

Devemos á bondade do sr. Lowe a seguinte relação dos sitios arborisados da Madeira, onde a cultura da quina se poderia talvez ensaiar pela fórma hollandeza, sob o abrigo das florestas. São as ribeiras da Metade, ribeira Fria, ribeira de Boa Ventura, Lombo de Vacca em S. Vicente, Lombo dos Pecegueiros na ribeira do Inferno, varias localidades na vizinhança do Seixal, e a ribeira Funda a oeste d'este ultimo.

«Todos estes sitios», refere o sr. Lowe, «estão ao norte da ilha e poder-se-ia escolher n'elles elevações convenientes de 1000 a 3000 pés sobre o mar. Preenchem alem d'isso as condições de uma grande humidade e de uma temperatura igual: não descendo nunca o thermometro n'aquelles valles ao ponto de congelação e raras vezes abaixo de 40° Farenheit (4°, 4 centigrados)». Nota o sr. Lowe que os loureiros da Madeira «não são certamente favoraveis em geral ao desenvolvimento de outras especies de arvores entre ou com elles»; acrescentando comtudo que só a experiencia poderia decidir, se esta particularidade se applica tambem ás cinchonas.

O bello clima da Madeira, que permite aos seus habitantes valerem-se da cultura da canna para revezar a da vinha; que lhes consente cultivar o café com resultado notavel; cultivar ou pelo menos plantar nos jardins ao ar livre o chá, a canella, o gengibre, o algodão e dezenas de outras plantas uteis de paizes muito diversos e afastados, a par do maximo numero das que enriquecem as nossas regiões europeas, poderá talvez consentir n'esta lista mais um nome, na terra que abençoa, mais uma planta, que ali acclimada e diffundida resolveria um problema de particular interesse humanitario, em que o nome portuguez crearia um novo, modesto, mas solido, titulo á bemquerença, que o mundo lhe deve por tantos outros. Vemos a arvore da quina nas mãos dos hollandezes, transpondo

pela primeira vez com feliz resultado os limites que lhe impozera a natureza, aceitar nova patria em latitudes mais baixas ainda do que aquellas em que vegetam naturalmente algumas das suas melhores especies. Vemo-la em Java cultivada em condições muito especiaes, quasi copia servil, como chegou a dizer-se, d'aquellas em que se creava pelas florestas americanas. Observâmo-la nas mãos dos inglezes desprender-se pouco a pouco d'aquellas suas suppostas necessidades, aceitar com vantagem habitos novos, processos mais artificiaes de cultura; confiar-se por fim ao céu da India, mesmo para áquem do tropico, marcando os confins da sua região de cultura 17°,5 ao norte dos seus limites naturaes americanos.

Esta evolução, analogo á de outras plantas quando foram sendo cultivadas, ficará aqui? A arvore da quina terá já indicado os ultimos limites da sua area de cultura? Cremos que á Madeira está reservada uma solução interessante d'esta questão. Temos a satisfação de acrescentar que lhe é muito favoravel n'este respeito a opinião do naturalista, que hoje pessoalmente melhor conhece os archipelagos atlanticos da região da Madeira. O sr. Lowe vê n'esta ilha condições mais felizes que as dos Açores e Canarias para os ensaios de cultura da quina. Senhores do mais feliz clima subtropical das vizinhanças da Europa podemos e portanto devemos nós, melhor que ninguém, ensaiar resolver o problema de trazer essa cultura a poucas horas de distancia do nosso continente.

Na escala de transição, que temos ido seguindo, dos climas e vegetações da zona temperada para os da zona tropical, o archipelago de Cabo Verde representa-nos ainda mais um termo interessante. Mas aqui já escasseiam as noções scientificas comparativamente com as que hoje possuímos sobre os Açores e Madeira. As altas montanhas das ilhas de Cabo Verde (algumas excedem 2600 metros) formavam até ha pouco uma região quasi desconhecida para os botanicos, e alem da obra do naturalista inglez Webb, *Spicilegia gorgonea*, onde se apontam sobretudo as plantas costeiras, não constava de outra publicação importante sobre a botanica d'esse grupo. Um

recente trabalho, inglez tambem, parece ter vindo supprir em parte esta deficiencia. Mas as especies enumeradas na obra citada, unica que temos á mão para nos guiar por emquanto, dão já uma noticia interessante do caracter phyto-geographico das ilhas de Cabo Verde. «Das 250 especies enumeradas 48 ou $\frac{1}{5}$ proximamente», diz-nos o auctor¹, «encontram-se nas Canarias ou pertencem a typos e generos incontestavelmente canarienses; perto de 25 ou $\frac{1}{10}$ pertencem á região arabico-nubiana; a serie mediterranea é representada por $\frac{1}{12}$. O resto ou é commum a muitas regiões tropicaes, ou exclusivo das ilhas».

Esse resto, segundo as indicações precedentes, deve constituir mais de $\frac{6}{10}$ do numero total. Temos pois nas regiões inferiores do archipelago uma flora, onde predominam as fórmas tropicaes, de mistura principalmente com as das latitudes mais baixas da região insular ao norte de Cabo Verde; mistura em que estas fórmas das ilhas mais boreaes vem representar o papel que as plantas do Mediterraneo a seu turno perfazem na vegetação da Madeira e Canarias. Mais um termo, portanto, intermediario mas perfeitamente distincto, na transição que temos ido seguindo, e que mais abaixo ainda, nas ilhas do Principe e de S. Thomé, encontrará um ultimo termo na magnificante vegetação tropical que as recobre densamente.

As ilhas de Cabo Verde, situadas para lá do isotherme de 25° centigrados, com a flora que acabámos de indicar e com as elevadas montanhas que possuem, são as primeiras, partindo da Europa, que reúnem condições em numero e importancia bastante consideraveis para imporem a obrigação de um exame detido da sua capacidade para receberem a cultura da quina; pois se as condições da Madeira convidam a examinar a possibilidade de trazer os ensaios d'aquella cultura 5°,5 mais para o norte do que os inglezes o têm conseguido nos Himalayas, as citadas condições de Cabo Verde como que exigem de nós esse exame, sendo, como são, tão analogas ás que offerecem as Indias occidentaes e portanto a Jamaica, onde

¹ Nota communicada ao dr. B. A. Gomes.

já hoje se cultivam as cinchonas. Guiando-nos particularmente por algumas considerações botánicas, as mais seguras ainda assim que possuímos sobre as condições de vegetação d'este archipelago, pensámos poder asseverar que as cinchonas encontrarão ali possibilidade physica de cultura, ainda que o estado geral d'aquellas ilhas não seja presentemente dos mais animadores a tal respeito.

Em primeiro lugar é forçoso abstrahir completamente da idéa de cultivar as quinas em Cabo Verde pelo systema seguido em Java. O estado desarborizado do archipelago não deixa margem para ensaios analogos. Mas esta desarborisação, que é tão gravemente fatal a estas ilhas, sê-lo-ia tambem á cultura de plantas creadas pela natureza ao abrigo de florestas banhadas de quasi perenne humidade?

O arido aspecto geral das montanhas de Cabo Verde, a falta de chuvas, de annos em annos ali tão sentida, pareceriam responder que não, sem hesitar, áquella pergunta; comtudo não pensámos que deva ser tão terminante a resposta. O café, a cuja cultura se vae associando a da quina, prospera, como todos sabem, pelas ribeiras do archipelago. E quando vemos a laranjeira, esta planta espontanea das montanhas da India, e muito particularmente dos Neilgherries, esta arvore que nós cultivámos com esmero nas nossas veigas e hortas, citada como uma das que largamente prosperam em Cabo Verde¹; forca-se-nos á convicção de que, se a secura de uma parte do anno e a falta accidental de chuvas limitam ou compromettem gravemente ali a cultura e a vegetação annual, não o fazem por modo igual ás culturas arboreas e arbustivas, por sua natureza mais capazes em geral de resistirem a taes accidentes.

Estes factos convidam pois a examinar mais de perto a questão, antes de pôr de parte, por motivo de aridez do clima, a idéa de introduzir as cinchonas n'aquella nossa colonia.

¹ O sr. Lopes de Lima, a quem devemos abundantes e mais modernas noticias d'estas nossas possessões, cita a laranjeira e o dragueiro, como as duas plantas mais proprias para rearborisar as ilhas de Cabo Verde. Ensaio, livro 1, pag. 10.

Uma consideração puramente botânica deve ainda ser mencionada em favor da aptidão do clima de Cabo Verde para bem receber a cultura da quina. A ordem de plantas que os botânicos designam pelo nome de *Melastomaceas* tem por patria quasi exclusiva as regiões frescas de entre tropicos, sendo poucas as que se encontram por paizes da zona temperada. A America é o continente onde mais abundam, seguindo-se-lhe a India e archipelago circumvizinho; depois a Africa e ilhas adjacentes¹. Tendo ao norte d'esta o Sahara por limite da sua area de vegetação, é nas latitudes de Cabo Verde onde começam a apparecer, partindo-se da Europa, os seus primeiros representantes; e o archipelago conta um d'estes, pelo menos, na sua flora indigena, a *Osbeckia princeps*, Dec.²

Nas florestas americanas esta ordem de plantas acompanha constantemente as cinchonas e apparece representada, como atrás se notou, nos montes de Java, e não menos nas regiões da India ingleza, onde se tem ensaiado a cultura da quina; sendo em todos estes pontos apontada a presença de *Melastomaceas* como indicio favoravel da appropriação do clima áquella cultura³.

A 1500 ou 1800 metros de elevação deverão as montanhas de Cabo Verde offerecer as condições de temperatura que as cinchonas requerem. Subirá ali áquelles limites a região dos arroteamentos e culturas? Encontrar-se-hão áquella altitude localidades convenientemente abrigadas e regadas de aguas para a cultura das plantas de quina? São questões que a in-

¹ Lindley, The vegetable kingdom, pag. 732.

² Webb, *Spicilegia gorgonea* pag. 130 da Niger flora. Este facto contrasta notavelmente com outro de interesse puramente phyto-geographico. Limite norte da região das *Melastomaceas* africanas, o archipelago de Cabo Verde é ao mesmo tempo o limite sul da região das *Cistineas*, esta bella ordem de plantas caracteristica da nossa peninsula e da zona mediterranea. Do *Helianthemum gorgoneum*, de Cabo Verde, diz Webb: « Generis zonam temperatam incolentis species est ultima versus aequatorem protensa ».

³ Markham, Travels.

specção local facilmente resolve, mas para cuja solução nos faltam todos os dados precisos.

D'ellas, mais que de duvidas sobre a propriedade do clima, nos parece depender a resposta à pergunta — se o archipelago de Cabo Verde póde ou não prestar-se a uma feliz introduccção das cinchonas.

Somos enfim chegados a considerar as ultimas das nossas possessões insulares do Atlantico, no caminho da Europa ao Equador, as ilhas do Principe e de S. Thomé, sêde de uma bella vegetação ainda hoje em todo o esplendor primitivo, patria de palmares e de fetos arborescentes, e região de culturas exclusivamente tropicaes.

As montanhas de S. Thomé elevam-se cobertas de denso e quasi inexplorado e desconhecido arvoredo até 7500 pés¹ (2460 metros) sobre o mar, sendo em superficie e altura, como o todo da ilha, muito mais consideraveis que as do Principe.

A um feliz explorador inglez o sr. Mann e ao distincto botanico o sr. Hooker (J. D.) devemos hoje algumas interessantes noticias da flora d'essa ilha.

Em agosto de 1861 o sr. Mann desembarcou em S. Thomé, e a 13 d'esse mez começou a ascensão das montanhas, attingindo o pico mais elevado a 22, e abandonando-o passados quatro dias. Segundo elle a parte mais alta da ilha consta de uma estreita cumeada accessivel, mas com grande difficuldade, pelo lado de leste.

Por esta occasião as explorações do sr. Mann abrangeram tambem a ilha do Principe, a de Fernando Pó e as grandes montanhas volcanicas dos Camarões, que se elevam a 13000 pés (4300 metros) na costa fronteira africana. A flora d'essas localidades, de 1600 metros de elevação para cima, fez objecto de um estudo particular do sr. Hooker, pelo qual se vê que já n'essa altitude começam ali a predominar largamente

¹ Segundo as plantas do almirantado inglez citadas no J. Proceedings of the Lin. Soc. Abril, 5 de 1864, pag. 174.

as especies das regiões temperadas. A estatística de 237 plantas colhidas pelo sr. Mann a mais de 1600 metros de elevação, n'aquellas paragens, deu o seguinte resultado:

	Generos	Especies
Fôrmas verdadeiramente temperadas.....	80	112
Fôrmas temperadas e tropicaes ou interme- dias	36	60
Fôrmas verdadeiramente tropicaes	46	65 ¹

Entre as plantas colhidas em S. Thomé devemos notar uma, que, ao interesse botânico geral que se lhe liga, reúne algum particular para o objecto que aqui levámos em vista. É o *Podocarpus Mannii*, especie nova de coníferas encontrada no mais elevado ponto da ilha, e que recorda naturalmente a vegetação das florestas de Java, submettidas á cultura da quina e onde os *Podocarpus* occupam logar consideravel.

Estes factos botânicos fundamentam bem a opinião de que as cinchonas poderiam encontrar nas florestas de S. Thomé, de 1600 metros de elevação para cima, condições não só proprias para o seu desenvolvimento, mas até particularmente adaptadas a um systema de cultura analogo ao que os holandezes seguiram nas florestas de Java.

Termina aqui naturalmente a resenha dos nossos climas insulares do Atlantico, na qual sobresae sem esforço a bella graduação que os distingue, e que muito falla e muito corresponde ao genio de um povo de navegantes e de colonisadores, como o nosso o tem sido.

Na consideração dos nossos climas continentaes africanos, que em seguida se offerece fazer, são em primeiro logar e em tudo quanto respeita a Angola e Benguella os trabalhos do sr. Welwitsch os que nos podem guiar com a mão segura de um experimentado naturalista.

¹ On the plants of the temperate regions of the Cameroons Mountains and Islands in the Bight of Benin, no jornal precedentemente citado, pag. 177.

Nos seus apontamentos phyto-geographicos, nas cartas por elle dirigidas aos srs. de Candolle, W. Hooker e Saunders, apparecem pela primeira vez scientificamente assignaladas as extensas planuras elevadas de Pungo Andongo e de Huilla, aquella com 3500, esta com 6000 pés inglezes de elevação; merecendo por isto attenção sob o ponto de vista de introdução de plantas de quina.

A abundancia de *Cinchonaceas* ou *Rubiaceas* na região alto-plana de Pungo Andongo, a presença de *Melastomaceas*, de fetos arborescentes, que ahi se nota, e com isto as analogias da sua flora com a flora temperada do sul de Africa, que segundo o sr. Welwitsch parece prolongar-se n'esta direcção, graças á elevação das montanhas; por ultimo as densas florestas virgens que precedem esta região, e as que a vestem em parte, menos bastas e mais ricas já de vegetação herbacea, são indicios botanicos consideraveis da propriedade do seu clima para a vegetação das cinchonas. A elevação de 3500 pés (1060 metros) e a temperatura media pouco inferior a 21° centigrados, que o sr. Welwitsch lhe attribue, parecem limitar porém a sua capacidade, para receber aquella nova cultura, exclusivamente ás especies de cinchona que crescem a menores elevações, com uma temperatura relativamente elevada.

Mas no alto plano da Huilla, situado alguns graus mais ao sul e com muito superior elevação, as condições de vegetação parecem muito mais favoraveis á introdução das quineiras. Esta região, que o sr. Welwitsch descreve com verdadeiro entusiasmo de naturalista, offereceu-lhe, segundo affirma, o scenario o mais bello e magnifico que o sul da Africa tropical é capaz de apresentar. O caracter temperado da flora é aqui tão saliente, que o nosso feliz e distincto explorador botanico escrevendo ao sr. Hooker, chega a affirmar que « tudo em torno de mim me recordaria as deliciosas montanhas inferiores da Suissa, se numerosas *Melastomaceas*, *Apocynaceas*, *Combretaceas* me não viessem denunciar um paiz tropical ».

As descrições botanicas dos sitios elevados e humidos e

dos valles abundantemente regados d'esta região são particularmente proprias para fazer sobresair tudo o que parece haver n'ella de favoravel, por este lado, a uma cultura de cinchonas. «Nos sitios elevados, mas humidos, por cima de pequenas especies de *Hypericum*, *Centunculus*, *Phyllanthus*, *Commelyna*, *Polygala*, *Xyris*, *Hypoxis*, *Oxalis*, *Striga*, *Rhamphicarpa*, e de diversas *Rubiaceas* delicadas, eleva-se pomposamente uma *Protea* de grande ramagem; e bonitas *Melastomaceas* perfumam o ar á beira dos regatos». Nas ingremes encostas de valles por onde correm ribeiras, vêem-se fetos arborescentes crescendo a par de outros muitos herbaceos, entre os quaes se contam o *Osmunda regalis* e o *Pteris arguta*, plantas bem conhecidas da nossa região. Á beira dos regatos sobresáe ainda mais o caracter temperado da flora, pela presença de *Salgueiros*, uma *Rosacea*, dois *Epilobium*, um *Nasturtium*, um *Rumex*, um *Juncus*, e dois *Triglochin*, que se misturam com plantas mais tropicaes. Nas florestas da Huilla, onde em geral domina muito mais este ultimo caracter, podem notar-se comtudo interessantes analogias com a flora de regiões similhantes da India, na presença de *Sapotaceas*, que dissemos figurarem nas florestas dos Neilgherries; de uma *Cinchonacea* do genero *Hymenodyction*, primeiro encontrado no norte da India e nos Gates; e de um *Myrsine*, arbusto analogo ao *M. africana* dos Acores, descoberto pelo dr. Welwitsch nas matas pouco assombradas da Huilla, e cujo genero, aliás muito espalhado, tem representantes tambem nos Neilgherries e na região americana das quinas.

A região feliz de Benguella, que acabámos de descrever, fadada sem duvida para um brilhante futuro colonial, parece pois poder contar a cultura da quina no numero, de certo grande, d'aquellas que ali prosperariam sob uma activa colonisação europea.

Se graças á expedição do sr. Welwitsch as regiões elevadas das nossas colonias do occidente de Africa começam assim a ser apreciadas no seu justo valor botanico e climatologico; o

mesmo não succede infelizmente ás do lado oriental, onde as explorações do sr. dr. Peters, de Berlim, que aliás abrangem muito do interior da Zambezia, quasi nada nos dizem das cordilheiras de Lupata, que ali correm em grande extensão ao longo da costa, passando entre os nossos dois postos coloniaes de Tete e Rios de Sena.

Pelo menos a parte botanica da magnifica obra, em que se expõem os resultados scientificos das viagens e trabalhos do sr. Peters ¹, representa-nos apenas, como se deduz das localidades citadas, a flora das regiões inferiores ou menos elevadas, ao longo do Zambeze e da costa portugueza.

Depois d'esta expedição prussiana a que devemos, não obstante isso, muitas e valiosas descobertas historico-naturaes n'aquelle vastissimo territorio, as explorações inglezas dos srs. Livingstone e Kirk são aquellas com que mais terá adiantado o conhecimento botanico d'elle. Mas os resultados d'esta expedição não foram objecto até hoje de uma publicação importante e notavel, como aquella que devemos á iniciativa do governo prussiano. Faltam-nos ainda portanto bons fundamentos em que assentar uma opinião sobre a possibilidade da cultura da quina n'aquellas paragens.

Resta-nos por ultimo considerar sob este mesmo ponto de vista as possessões portuguezas na Asia e na Oceania, sendo aqui para notar a singular distribuição dos nossos dominios, que nos permite dispor de posições geographicas analogas ás dos dois paizes, onde os inglezes por um lado e por outro lado os holandezes foram estabelecer os primeiros ensaios da cultura da quina. Java e Timor, as duas Indias ingleza e portugueza, estão dizendo n'estes dois parallellos o interesse que excitam as duas ultimas possessões portuguezas na questão, que nos occupa.

A India é talvez hoje o paiz tropical botanica e meteorologicamente mais bem investigado. Nas habeis mãos de nume-

¹ Naturwissenschaftliche Reise nach Mossambique, von Wilhelm C. H. Peters. 1.^a e 2.^a parte botanica. Berlin, 1862 e 1864.

rosos naturalistas inglezes o grande livro da flora indiana tem sido lido, estudado e commentado, para assim dizer, attentamente. Um dos resultados notaveis a que d'este modo se chegou é já, sem duvida, a *Introducção á flora indica*, por vezes aqui citada. N'este prologo da grande publicação, em que os srs. Hooker e Thomson estão ainda hoje empenhados, apparece desenhada em grandes traços a physionomia botanica e meteorologica de cada uma das muitas regiões, a taes res- peitos distinctas, que offerece aquelle grande paiz.

No mappa que as indica, e que acompanha a *Introducção* precedente, encontram-se duas, a de Concan e a de Malabar, que têm por limite a leste a cordilheira dos Gates, a oeste o Oceano, e que comprehendem em si o territorio portuguez; constituindo ao todo, entre as montanhas e o mar, e de Damão ao cabo Camorim, uma longa e muito estreita faixa de terreno. A extrema, que separa a região do Concan da do Malabar, parte da costa a cerca de 13° de latitude norte, passa ao sul de Goa e vae encontrar, entre Belgaum e Dharwar nas planicies d'este ultimo nome, a extrema de leste. Esta, seguindo pelo alto dos Gates, desce á quebrada da grande cordilheira, ali interrompida por aquellas planicies; passa em Dharwar a leste de Goa, e mais ao norte corta a meio cami- nho entre Belgaum e Vingorlá.

A região do Concan comprehende até Damão toda a parte da estreita faixa que fica ao norte d'aquella primeira extrema. A do Malabar abrange todo o resto, de Goa ao cabo Camorim; o Canará ao norte, o districto inglez de Malabar e os reinos de Cochim e Travancor para o sul são os paizes principaes que esta comprehende.

N'esta divisão meteorologico-botanica a India portugueza, excluindo Diu e Damão, fica formando o extremo sul do Concan, servindo em parte de limite norte á região do Canará.

A flora d'estes dois paizes, assim considerados, foi particu- larmente investigada pelo sr. Dalzell, que residiu por muitos annos em Vingorlá e que hoje occupa o logar de conservador das florestas na presidencia de Bombaim.

Paizes de montanhas, o Canará e Concan offerecem na distribuição da sua flora os phenomenos usuaes de variação consideravel com a altitude e com a diversidade de condições meteorologicas, que os accidentes principaes do terreno trazem comsigo; acrescendo ainda a isto a influencia das diferentes latitudes, que em tão estreita e longa faixa de terra, situada perpendicularmente ao equador, não póde deixar de ser consideravel.

No Canará o districto montanhoso de Nagar, a 14° de latitude norte, no Concan o Mahabaleshwar a 18°, offerecem as maiores elevações da cordilheira n'estas duas regiões. A altitude media em Nagar é de 4000 a 5000 pés; os pontos mais altos chegam a mais de 6000: em Mahabaleshwar não passam porém de 5000, e em todo o Concan a elevação media dos Gates é muito menor. As planicies de Dharwar dividem a leste de Goa os Gates do Concan dos do Canará, e constituem a maior depressão que soffre a cordilheira n'aquellas duas regiões.

Na fronteira de leste do territorio portuguez a nossa linha de *métas* separa para o lado inglez as maiores elevações. Entretanto encontrámos assignaladas no boletim do governo da India de 4 de outubro de 1864, em artigo do commissario do governo o sr. A. Lopes Mendes, a existencia no nosso territorio de montanhas com 3000 a 4000 pés de elevação.

Como é sabido, a cordilheira dos Gates é na India o grande condensador da humidade trazida pela monção de sudoeste, que ali sopra directamente do mar. A quantidade de chuva precipitada a oeste das montanhas é regularmente proporcional á elevação d'ellas. D'este elemento depende tambem a maior ou menor seccura do clima durante a monção de nordeste, particularmente nas localidades afastadas bastante da costa para já não serem influenciadas pelas brisas do mar. A maior ou menor elevação da cordilheira influe então na passagem mais ou menos rapida e desimpedida dos ventos, que atravessam os extensos e aridos paizes de Mysore e Dekhan, abandonando n'este transitio a maior parte da sua humidade.

A leste de Goa os Gates afastam-se notavelmente da costa. Esta circumstancia e a pouca elevação que ali tem a cordilheira, determinam no territorio portuguez, por um lado uma precipitação menor de vapores, por outro uma seccura maior, comparativamente com o que succede pela maior parte do Canará e Concan, onde a chuva e humidade chegam a ser excessivas.

Em Mahabaleshwar, por exemplo, a chuva é por anno de 248 pollegadas, e em Nagar dura nove mezes, caíndo em seis d'estes com tal força, que os habitantes não podem sair de suas casas.

Na provincia portugueza de Satary acontece pelo contrario que os cultivadores de café lutam contra a falta de chuvas sete mezes do anno ¹, durante os quaes a humidade do ar fica longe de ser sufficiente para supprir essa falta.

Os factos botanicos mais caracteristicos do clima de Concan e Canará são a predominancia do typo de flora tropical, que a India tem de commum com o archipelago Malayo; o desaparecimento successivo de muitas d'estas fórmas na região de Concan, a partir do sul para o norte; a sua substituição por especies mais analogas ás da Abyssinia e Arabia; e por ultimo a ausencia da flora das regiões aridas, que ficam a leste dos Gates, a qual raras vezes passa a oeste das montanhas; acontecendo pelo contrario, nas quebradas da cordilheira, estender-se a vegetação mais viçosa e humida do Concan e Malabar um pouco pelas terras de Mysore e Dekhan.

Com respeito á cultura da quina ha ainda aqui a lembrar o que a pag. 64 já ficou indicado, a saber a ausencia em todo o Concan e Canará de uma flora temperada analoga á do alto Neilgherry. A vegetação dos Gates d'aquellas duas regiões conserva até elevações como as dos montes de Mahabaleshwar, um character muito tropical; e na lista de plantas do terreno

¹ Apontamentos sobre a provincia de Satary pelo sr. A. Lopes Mendes. Boletim do governo da India de 4 de outubro de 1864, pag. 787.

mais alto d'esta parte da cordilheira figuram muito poucas, das que podem accusar um clima mais fresco e temperado ¹.

N'estas condições deveremos riscar o territorio portuguez da India do numero d'aquelles que se prestam á cultura da quina? É o que estamos longe de pensar pelas seguintes considerações:

Com o fim especial de escolher sitios proprios para esta cultura visitou o sr. Markham grande parte do Malabar até Nagar. Embarcando em Cannanor dirigiu-se depois a Bombaim, tocando apenas no porto de Goa, e d'ali partiu para Mahabaleshwar, continuando o estudo das localidades sob aquelle mesmo ponto de vista.

O juizo por elle formado foi desfavoravel a todos os Gates do Concan e Canará, a não ser aos de Nagar, que julgou poderem prestar-se á cultura das especies de *Cinchona* mais robustas e tolerantes a respeito de clima. Comtudo algumas sementes enviadas ao sr. Dalzell, de Bombaim, foram semeadas em Mahabaleshwar por este naturalista, e o resultado parece ter sido bastante favoravel, induzindo a crer que as plantas da quina poderão tolerar climas da India, bastante differentes d'aquelles que a principio se julgou que lhe competiam exclusivamente.

É por este modo, sem duvida, que devemos entender a para nós muito interessante affirmativa do sr. Dalzell « que a leste de Goa existem montes elevados, não tanto porém como os de Mahabaleshwar, onde as cinchonas, que se criam a menores elevações, poderão ser aclimadas ². »

Proferida pelo botânico mais conhecedor do Concan e Canará esta asserção tem um valor facil de avaliar. Por outro lado a existencia, no territorio portuguez da India, de montanhas com 3000 a 4000 pés de elevação está-nos dizendo o que a este respeito é licito esperar d'esta parte do dominio

¹ Markham, Travels, pag. 464 e 465, onde se lê esta lista, devida ao sr. Dalzell, de Bombaim.

² Markham, Travels, pag. 465.

portuguez. O interesse ahi excitado pela cultura da quina e a sua proposta introducção no territorio de Goa encontram evidentemente na precedente opinião do sr. Dalzell, e no facto citado, um apoio cujo valor escusado se torna encarecer.

Ao sr. Cunha Rivara devemos a noticia de dois factos mais recentes que vieram corroborar a opinião precedente². No norte do Canará, em Garçopá, a 2000 pés de elevação, existiam em julho do anno passado novos e prosperos viveiros de cinchonas, e projectavam-se outros em Daveinanny, caminho de Cumptá a Dharwar, a 3000 pés.

Portanto, se o territorio portuguez na India não reúne todas as condições favoraveis á cultura da quina, algumas apresenta que nada são para desprezar, em vista sobretudo dos factos citados; sendo crível que as cinchonas poderão, como tantas outras plantas cultivadas, ultrapassar mais ou menos os limites do clima que mais lhes condiz, e sendo certo que entre ellas algumas especies ha que se mostram particularmente aptas para vegetarem em localidades muito differentes daquellas, que os inglezes e holandezes julgaram dever escolher para os primeiros ensaios.

Por ultimo são as possessões portuguezas na Oceania, que a este mesmo respeito nos merecem ainda alguns momentos de attenção. Estes dominios longinquos, dignos e singulares padrões das antigas navegações e missões portuguezas, estão, como é sabido, situados na immediata vizinhança de prosperas colonias holandezas, onde os estudos historico-naturaes acompanham de ha muito o progresso scientifico europeu. Datam de 1802 os primeiros trabalhos importantes do dr. Horsfield sobre a flora da India neerlandeza, que forneceram os materiaes para a obra de Brown e Benett *Plantæ javanicæ rariores*, á qual se seguiram extensas publicações illustradas do professor Blume sobre as plantas de Java e outras ilhas malayãs, e varios trabalhos de outros botanicos hollan-

² Archivo de pharmacia, de Goa, de 5 de julho de 1864.

dezes, Korthal, De Vriese, Miquel¹. Mais recentemente os srs. Hasskarl e Junghuhn têm proseguido em investigações semelhantes.

Muito será sem duvida o que nas obras scientificas e litterarias d'esta nação se encontre de importante com respeito a Timor e suas vizinhanças, em parte possuidas pelos hollandezes, e de certo visitadas pelos seus homens de sciencia. Não nos cabe porém na presente occasião o proceder a alguma investigação d'estas fontes abundantes para o conhecimento dos recursos naturaes d'aquellas distantes, e para nós, como já por vezes se tem dito, quasi esquecidas colonias. Encontrámos porém á mão o trabalho do sr. Decaisne *Herbarii timorensis descriptio*¹, contendo a enumeração de 550 especies quasi todas colhidas na parte hollandeza da ilha por diversos collectores e naturalistas francezes. A flora de Timor acha-se n'elle delineada em traços geraes caracteristicos, bem longe porém do que mais importaria ao objecto que aqui nos occupa, por faltarem inteiramente na obra do sr. Decaisne as noções topographicas necessarias para se apreciar a distribuição das especies, particularmente segundo as altitudes.

Nos paizes de grandes montanhas, como é Timor, cujos picos mais elevados attingem ou excedem, no dizer de um auctor inglez², o de Teneriffe, é sempre aquelle ultimo elemento um dos mais essenciaes de attender em geographia botanica, e o mais fertil em applicações praticas, quando devidamente elucidado.

Comtudo não será sem interesse deixar aqui de passagem notado que o *Hervario timorense* estabelece, segundo o sr. Decaisne, que a flora de Timor se liga por um lado intimamente á das outras ilhas do archipelago da Asia, e d'esse modo tambem á da India; que revela consideraveis analogias com a da Nova Hollanda, entre outras a de se encontrarem em Timor duas especies de *Eucalyptus*, genero perfeitamente

¹ Introductory essay to the flora indica, pag. 54.

² Cyclopaedia britannica.

caracteristico do grande continente australiano; que as precedentes affinidades dizem respeito particularmente ás plantas do litoral; e por ultimo que, no que toca ás plantas do interior do paiz, é com as ilhas e o continente africano que o numero de generos ou de especies communs é o maior, sendo pouquissimas as que tem em commum com as terras americanas.

(Continua.)

PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 702 DA SESSÃO DE 29 DE AGOSTO DE 1866

Presidência do sr. Joaquim José Alves

Pelas oito horas da noite o sr. presidente abriu a sessão e deu a palavra ao segundo secretario para ler a acta anterior, a qual foi approvada depois de um breve additamento.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

Officios:—1.º Do sr. G. José da Silveira, da villa de Pereira, agradecendo a sua admissão na classe de membro correspondente, e sobre negocios da thesouraria.—Inteirada.

2.º Do sr. A. A. Franco, de Extremoz, accusando a recepção do diploma de sub-delegado da sociedade n'aquella comarca, e agradecendo a reeleição.—Inteirada.

3.º Do sr. A. Fernando da Costa, da cidade do Rio de Janeiro, aonde é delegado da sociedade, accusando a recepção de um officio sobre negocios da thesouraria, e queixando-se da irregularidade com que o nosso jornal ali é recebido.—Para o seu destino.

4.º Do sr. J. R. P. Peixoto, do Porto, dando parte de que não continua a ser assignante do jornal.—Inteirada.

5.º Do sr. A. J. Esteves, de Macedo de Cavalleiros, agradecendo a publicação da representação que os alumnos phar-

maceuticos das tres escolas do reino dirigiram á camara dos senhores deputados.—Inteirada.

6.º Do sr. F. M. Supico, de Ponta Delgada, acompanhando um requerimento e documentos pertencentes á viuva do sr. Jacinto Rodrigues da Paz, antigo membro da sociedade, no qual requerimento a mesma senhora pede uma pensão.—Para a mesa tomar conhecimento e resolver convenientemente.

7.º Da commissão gerente dos fundos, dando uma boa informação do serviço do continuo, durante a sua gerencia, por assim lhe ser pedido pelo primeiro secretario.—Inteirada.

8.º Do sr. Francisco da Silva e Castro, inspector de saude publica na provincia do Pará, agradecendo a nomeação de membro honorario e a recepção do respectivo diploma.—Inteirada.

9.º Do sr. ministro da Belgica em Portugal, sobre a organisação da pharmacia n'aquelle reino. Vinha acompanhado por um relatorio e projecto sobre estudos medicos, que o governo belga tenciona submitter á consideração das suas camaras.—Recebido com especial agrado.

ORDEM DO DIA

PROPOSTAS

Uma do sr. presidente, declarada urgente, para a admissão de um candidato na classe de membro effectivo.

Admittida a urgencia, procedeu-se á votação e verificou-se ter sido unanimemente votado o sr. José Simões da Silva, pharmaceutico residente em Lisboa.

PARECERES DE COMISSÕES

O sr. *primeiro secretario* leu o parecer da commissão encarregada de estudar a questão do ensino pharmaceutico e de apresentar um projecto de reforma dos estudos.

Dispensado de segunda leitura, entrou logo em discussão.

O sr. *Veiga* fez algumas considerações ao projecto que

acompanhava o relatório, e declarou que os desejos de todos os membros da comissão eram a criação de escolas especiais de pharmacia; porém que a comissão, receiando que o governo não quizesse fazer uma reforma completa e radical no ensino pharmaceutico, se limitára a adoptar o ultimo projecto, já publicado no jornal, o qual em tempo tinha sido elaborado por uma comissão e approvedo pela sociedade, depois de discutido. Que era este projecto que a sociedade tem procurado conseguir ver approvedo, e que era este o mesmo que a comissão actual tinha reputado preferivel a outro qualquer na presente conjunctura.

O sr. *Martins*, depois de varias considerações, declarou que approvava o projecto na generalidade.

O sr. *presidente* po-lo á votação por artigos.

Posto o primeiro artigo em discussão, o sr. *Martins* pediu que no § 1.º, aonde se dizia «2.º A chimica» se dissesse «2.º A chimica inorganica; 3.º A chimica organica». Depois mostrou quanto convinha que se fizesse menção da chimica organica e inorganica, por isso que actualmente o estudo d'esta sciencia se faz em duas cadeiras distinctas, na escola polytechnica de Lisboa e na universidade de Coimbra, emquanto que, no tempo em que o projecto foi redigido, existia uma só cadeira de chimica na escola polytechnica, na qual se estudava cumulativamente a chimica inorganica e a organica, ambas indispensaveis ao pharmaceutico. — Approvedo.

O mesmo senhor, quando se chegou á discussão do artigo 9.º, propoz que, aonde se pediam dois lentes substitutos, se pedisse um só, e observou que não seria facil que o governo desse para a escola de pharmacia dois substitutos, quando nas escolas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto ha um só para a secção de medicina, e outro para a de cirurgia.

Depois de alguma discussão entre o sr. *Veiga* e o auctor da emenda, foi esta approvada.

Assim discutido e approvedo o projecto, na generalidade e na especialidade, o sr. *presidente* poz o parecer á approvação. — Approvedo

Como a hora fosse adiantada, o mesmo senhor encerrou a sessão e deu para ordem do dia da immediata propostas, pareceres de commissões e segundas leituras. Eram onze horas da noite.—O segundo secretario, *José Ribeiro Guimarães Drack*.

VARIÉDADES

Formação do tartaro emetico pela reacção do antimonio crú com o cremor de tartaro, pelo sr. D. G. de la Puerta.— O sulphureto de antimonio, do commercio, chega a decompor-se pela acção do bitartarato de potassa, por um contacto continuado por longo tempo auxiliado pela acção do calor.

Tive por alguns dias uma mistura de antimonio crú e cremor de tartaro perfeitamente pulverisados, hydratada com sufficiente quantidade de agua, sujeitando-a depois á ebullicão, com mais agua, por algumas horas, e o liquido filtrado pelo resfriamento deu crystaes de tartaro emetico e de cremor.

Preparação do nitrato de potassa, pelo sr. Warington.— Tomam-se sete partes de azotato de potassa e uma de amydo, lançando a mistura em pequenas porções a pouco e pouco em uma capsula de ferro exposta ao calor, e quando a massa está branca deixa arrefecer-se.

Composição das sementes do maïs.—O sr. Hoppe-Seyler, analysando as sementes do maïs secco encontrou em 100 partes

Extracto ethereo	3,770
Contendo	
Cholesterina	0,100
Protagon	0,149
Gorduras saponificaveis e materia corante ama- rella	3,521
Total..	3,770

Os acidos gordos extrahidos das gorduras saponificaveis fundem-se entre 51° e 54°.

(Bulletin de la société de chim.)

PHARMACIA

CULTURA DAS PLANTAS QUE DÃO A QUINA

(Continuado de pag. 289)

Com respeito á possibilidade da cultura da quina em Timor são as analogias d'esta ilha com a de Java que devem mais fixar a attenção. Java e Timor são igualmente duas ilhas de natureza em parte claramente volcanica, duas ilhas de elevadas montanhas, de latitudes e climas semelhantes, de floras estreitamente relacionadas. A analogia subsiste ainda ao compararem-se as producções uteis dos dois paizes. No estimado trabalho do sr. Leão Cabreira, sobre a industria de Timor, notámos sobretudo mais um importante character commum, que suppõe naturalmente alguns outros. Java e Timor abundam igualmente em producção de bufalos e cavallos¹, o que n'aquellas latitudes particularmente denuncia abundancia de ribeiras e altas pastagens. Por ultimo Timor, como Java, possui ainda hoje florestas, onde se criam madeiras das maiores dimensões.

Por muitas das regiões que temos ido enumerando poderá pois a influencia portugueza derramar mais um d'aquelles beneficios que constituem a missão civilisadora dos colonos e conquistadores europeus, introduzindo por todas ellas mais uma planta de virtudes singulares e universalmente reconhecidas. O caminho a seguir para isso apresenta-se-nos traçado e desbravado pela industria estrangeira. Não nos faltarão sementes e plantas nas estufas de Inglaterra, na India ingleza e em Java, hoje que ellas começam a ser largamente distribuidas. A experiencia dos cultores hollandezes e inglezes ahí está para nos guiar os primeiros passos.

Ao bello estabelecimento do jardim botanico de Coimbra compete actualmente n'esta empreza uma parte como aquella, que com tanta utilidade foi preenchida pelos jardins das uni-

¹ Annaes da associação maritima e colonial, 1843.

versidades hollandezas de Leyde e de Utrecht, ou pelo magnifico estabelecimento inglez de Kew. Seria inaugurar dignamente a era das applicações uteis, a que está destinada a estufa recentemente construida em Coimbra, a qual pôde tornar-se viveiro accommodado para todas as plantas de cinchona que hajam de introduzir-se pelas ilhas e possessões da Africa occidental. Esperemos que os jardins da Madeira, e talvez dos Açores, resolvam em breve o problema de fazer vegetar as quineiras sob um céu quasi europeu; que as mais altas ribeiras de Cabo Verde e os elevados presidios dos sertões africanos a seu turno as recebam e vejam prosperar; que a India portugueza converta em uteis applicações no seu territorio a experiencia dos vizinhos cultores de quina inglezes; e por ultimo que na Oceania portuguezes e hollandezes se associem na empreza de espalhar pelas ilhas do grande archipelago as preciosas arvores febrifugas.

B. B. G.

APPENDICE

Caracteres botanicos do genero Cinchona

(Veja-se a est. v)

Calice turbinado, unido ao ovario, de limbo supero, quinquedentado, persistente. Corolla assalveada, de tubo cylindrico, de limbo quinquefido, de lacinias lanceoladas ou ovadas, barbudas na margem. Estames 5, insertos no tubo da corolla, alternos com as lacinias. Antheras lineares, inclusas no tubo ou pouco exsertas. Stylete simples. Estigma bifido, incluso ou exserto. Ovario bilocular, coroadado por um disco carnudo. Ovulos numerosos, peltados, imbricados, anatropos, presos a placentas lineares de um e outro lado do dissepimento. Inflorescencia cymoso-paniculada, flores cor de carne ou purpureas ou brancas, suavemente odoriferas, bracteadas. Capsula bilocular, polysperma, ovada ou oblonga ou linear, lanceolada, bisulcada, septicida, dehiscente da base para o vertice, de cor escura. Sementes muitas, peltadamente affixadas, imbricadas, achatadas, com um nucleo central oblongo, cercado de uma ala membranosa, irregularmente denteada, fendida ou fimbriada. Embryão recto, no eixo de um albumen carnudo; cotyledones ovaes, inteiros; radícula inferior, cylindrica.

Arvores ou arbustos sempre verdes; de ramulos oppostos e ensarilhados, quadrangulares; de folhas oppostas, inteiras, pecioladas, glabras ou mais ou menos pubescentes ou tomentosas; de peciolo, ner

vuras e veios frequentemente vermelhos ou purpuros; de estipulas interpeciolares, glandulosas na base, deciduas. Lenho branco, por fim assumindo uma cor amarellada. Casca amarga, febrifuga.

Explicação da estampa v:

- a Pedunculo fructifero lateral de uma panicula.
- b Extremidade de ramo munido de folhas e estipulas.
- c Pedicello florifero de uma panicula.
- d Analyse do tubo da corolla.
- e Analyse do pistillo.
- f Capsula mostrando a disposição interna das sementes.
- g Plantula ao nascer.
- h Sementes.
- i Glandulas das axillas das nervuras e veios da folha, ou escrobiculos.

Caracteres das especies ou variedades cultivadas

C. calisaya, Wedd., var. *arborea*. Folhas oblongas ou lanceolado-obovadas, obtusas, attenuadas na base, escrobiculadas, raras vezes agudas nas duas extremidades; estipulas oblongas obtusissimas; inflorescencia em panicula ovada ou subcorymbosa; bractees lanceoladas; dentes do calice curtos; corolla corneo-atbescente; lacinias lanceoladas, rosadas, marginadas de pellos brancos. Antheras inclusas. Estigma sub-exserto. Capsula ovada, quando muito duas vezes tão comprida como larga.

Arvore de grandes dimensões. Cresce nas florestas que vestem as encostas dos valles mais quentes do Peru e Bolivia, entre 13 e 16° 30 latitude sul, e a 1500 até 1800 metros de elevação.

C. calisaya, Wedd., var. *arbutiva*. Folhas oblongas ou ovado lanceoladas, menos obtusas que as da precedente; corolla um pouco mais longa; antheras ás vezes sub-exsertas, e estigma inclusos então. Capsula como a da precedente, ou um pouco mais longa e attenuada superiormente.

Arbusto de 2 a 3 metros, da região da variedade precedente. Cresce em prados desassombrados.

C. succirubra, Pav. Folhas ovaes, glabras, as superiores e floras lanceoladas; estipulas oblongas, obtusas, roseas ou avermelhadas; inflorescencia racemoso-paniculada; bracteolas lanceolado-assoveladas; tubo do calice alvo-pubescente, limbo avermelhado; corolla rubra, ciliada de pellos alvadios; capsula oblonga. Succo tornando-se lacteo ao ar, e mudando depois para uma intensa cor vermelha.

Bella arvore, segundo o sr. Spruce, de 18 a 25 metros de alto e de 1 a 3 de circumferencia. Cresce nas florestas das vertentes occidentaes da cordilheira dos Andes, vizinhanças de Quito e Chimborazzo, entre 600 e 1500 metros de altitude. É a especie valiosa que vegeta a menor elevação.

C. lancifolia, Mutis. Folhas lanceoladas, acuminadas, attenuadas na base, glaberrimas, levemente escrobiculadas; estipulas livres, lanceoladas, agudas; inflorescencia paniculada; bracteas linear-lanceoladas e lanceolado-agudas, glabras; calice piloso no tubo, glabro e rubescente no limbo; tubo da corolla glabro por dentro, carneo-rubro; lóbos ovados, vermelhos, marginados de pellos brancos; capsula oblonga, glabra.

Arvore de 24 metros de altura e de 1 a 1,5 metros de diametro. Cresce nas florestas dos Andes, entre 1° e 5° latitude norte, a 2500 até 3000 metros de elevação, n'uma região onde as chuvas e nevoas são as mais abundantes por todo o anno, e onde a temperatura varia de 0° a 24° C.

C. uritusinga, Pav., *C. chahuarguera*, Pav., *C. crispera*, Taf. Tres fórmas geralmente referidas á especie *C. condensata*, DC., que, segundo Weddell, comprehenderia tambem a *C. lancifolia* e a *C. pitayensis*. Taes como vem descriptas na *Nueva quinologia* illustrada, caracterizam-se aquellas tres fórmas do modo seguinte:

C. uritusinga, Pav. Folhas lanceoladas, agudas, escrobiculadas; escrobiculos formando proeminencia na pagina superior da folha; estipulas ovadas, agudas, pubescentes; inflorescencia paniculado-corymbosa, trifida; bracteolas minimas, ovadas, agudas; calice campanulado, vermelho, glabro; corolla alvo-rosacea, pubescente; lacínias villosa-tomentosas; capsula oblonga, estreita.

Arvore de grande porte.

C. chahuarguera, Pav. Folhas lanceoladas, oblongas e ovado-lanceoladas, acuminadas e agudas, escrobiculadas como as da precedente; estipulas coadunadas na base, ovadas acuminadas; inflorescencia paniculada; folhas floras pequenas, ovadas; bracteolas assoveladas; calice rosaceo; corolla levemente purpurea ou rubra, pubescente; lóbos villosa-tomentosos; capsulas ovaes ou oblongas.

Arvore de 6 a 8 metros de altura.

C. crispera, Taf. Forma mais proxima da *C. chahuarguera* do que da *C. uritusinga*; folhas fortemente escrobiculadas, escrobiculos muito hirsutos.

Arbusto de 1 a 3 metros.

As tres fôrmas precedentes encontram-se na provincia de Loxa, do Equador, a elevações de 1800 a 2400 metros. As duas primeiras crescem nas florestas, sobre chão pedregoso de gneiss e sobisto micaceo, com uma temperatura media de 15° a 19° C. O seu rapido crescimento em altura foi notado por Humboldt. A terceira cria-se nos prados entre arbustos e plantas pequenas; a quina que produz é estimada, apesar de menos rica em alkaloides que a das precedentes.

C. nitida, Pav. Folhas oval-oblongas e ovado-oblongas, nitidissimas decurrentes, escrobiculadas; escrobiculos formando proeminencia na pagina superior da folha; estipulas coadunadas na base, oblongas; inflorescencia panicular subracemosa; calice pequeno, purpureo; corolla branca, por fóra ligeiramente vermelha; lacinias villosas, de pellos alvadios; capsula oblonga.

Cresee no norte do Peru, nas florestas da provincia de Huanuco, a elevações de 1800 a 2100 metros, sobre solos ricos de potassa, dotados de um clima fresco ou frio mesmo. É arvore de grandes dimensões.

C. micrantha, Pav. Folhas grandes (até 12") ovaes e obovadas obtusas, brevemente acuminadas; escrobiculadas, escrobiculos superiormente proeminentes; estipulas coadunadas, ovadas. Panicula grande, diffusa, subracemosa, muito florida; flores minimas, bracteas minimas, ovadas, agudas; dentes do calice levemente purpurescentes; corolla exteriormente tomentosa, esbranquiçada; lacinias internamente villoso-tomentosas; capsula oblonga.

Arvore de 6-10 metros de altura, bastante frondosa. Cresce nos bosques humidos assombrados, pela borda dos ribeiros, em varias provincias do Peru e Bolivia, a elevações de 1200 a 1700 metros.

C. peruviana, How. Especie proxima da *C. nitida*. Folhas lanceolado-ovadas, attenuadas na base; as mais novas lanceoladas, escrobiculadas com grande proeminencia para o lado superior da folha; inflorescencia panicular, pyramidal; capsula oblonga.

Arvore de grande porte, dos Andes frios de Huanuco, onde cresce a menores elevações que a *C. nitida*.

C. pahudiana, How. Folhas sub-coriaceas, pubescentes ou tomentosas, pela maior parte ovado-ellipticas, obtusas, variando bastante no mesmo individuo, escrobiculadas; estipulas ovadas ou ovado-oblongas, truncadas na base, exteriormente pubescentes; inflorescencia paniculada; bracteas lanceoladas, rubras; dentes do calice triangular-lanceolados, rubros, cobertos de pubescencia branca; corolla de tubo distinctamente pentagono, fendido ao meio das arestas, pubescente, cõr de carne; lacinias do limbo lanceoladas, revolutas, brancas superior-

mente, inferiormente da côr do tubo, marginadas de pellos brancos; capsula ovado-oblonga ou ovado-lanceolada, pubescente.

Arvore de 5 a 8 metros de altura. Cresce no Peru central, a elevações de 1700 ou 1800 metros, em sitios seccos, soalheiros de chão arenoso.

(Extrahido e resumido de Weddell, Howard e outros auctores.)

ESTAMPAS

- I — Plano de uma estufa para a multiplicação das cinchonas, segundo o sr. Mc. Ivor.
- II — Processo inglez de multiplicação por borbulha.
- III — Plano dos alfobres de cinchonas.
- IV — Transplantação de uma arvore de quina em Java.
- V — Cinchona calisaya, Wedd.

ELECTUARIO DE QUINA E ENXOFRE

O dr. Smet combinou uma formula em que faz entrar a quina e o enxofre, a qual diz ter excellentes resultados na bronchite chronica, porque modifica a secreção morbosa dos bronchios, facilita a expectoração e regularisa as funcções digestivas, obra como tonico geral e póde ser administrado aos enfermos por largo tempo, sem lhes causar repugnancia; se no enfermo se dão disposições para diarrhéa prescreve-se a seguinte formula:

Pó de quina mui tente	10 grammas
Flores de enxofre lavadas	10 "
Xarope de althéa	q. b.

Para fazer um electuario.

Se não ha tendencia para diarrhéa reduz-se a quina a 5 grammas, e o enfermo toma uma colhér de chá d'este electuario pela manhã, outra antes do meio dia e outra de noite, depois de ceiar. Usando d'este remedio pelo espaço de quinze dias ou tres semanas obtêm-se melhoras consideraveis, como já se provou em pertô de cincoenta observações relatadas pelo auctor, segundo a informação do sr. Sugels, membro de uma commissão em que figuram os srs. Sezellieres y Stockman.

ELECTUARIO EXPECTORANTE

Mel de Narbonna	100 grammas
Oxiodureto de antimónio	30 a 60 centigrammas
Vinho de ipecacuanha	2 a 4 grammas

F. s. a. um electuario para tomar ás colhéres de chá de hora a hora, nos casos de œdema pulmonar, bronchites, etc.

LOOCH DE OXIODURETO DE ANTIMONIO

Looch branco	140 grammas
Oxiodureto de antimónio	15 a 30 centigrammas
Agua de louro-cerejo	40 grammas

F. s. a. uma poção para tomar ás colhéres de sopa de duas em duas horas, nos casos de bronchites capillares, de broncho-pneumonias.

LOÇÃO PECTEN CONTRA O ECZEMA

Amendoas amargas	40 grammas
Agua	250 »
Alcool	40 »
Sublimado	40 centigrammas

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 705 DA SESSÃO DE 12 DE SETEMBRO DE 1866

Presidencia do sr. Joaquim José Alves

Pelas oito horas da noite foi aberta a sessão, lida e approvada a acta da anterior, depois de uma breve alteração.

Leu-se a lista dos objectos doados, os quaes foram recebidos com especial agrado, e deu-se conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

Um officio do sr. Felix da Fonseca Moura, professor de pharmacia na escola medico-cirurgica do Porto, em resposta a outro do sr. primeiro secretario. N'elle participava qual era o pensamento d'aquella escola a respeito da resposta á consulta do governo sobre o ensino pharmaceutico, e offerecia os seus bons officios para secundar os desejos da sociedade perante o corpo cathedratico da mesma escola. — Que se officiasse ao illustre socio, manifestando o apreço em que a sociedade tinha o seu offerecimento, e que se lhe participasse o que havia a tal respeito, para s. s.^a nos poder coadjuvar.

Dois do sr. Sousa Ferreira, do Porto, agradecendo a sua nomeação de delegado, e sobre assumptos do expediente da primeira secretaria. — Inteirada.

Varios de socios correspondentes, agradecendo as suas nomeações de delegados e sub-delegados. — Inteirada.

Um requerimento do sr. Pedro Ferreira Norberto, pedindo se lhe passe um quite para com a sociedade. — Que se lhe passe do que constar, depois do requerimento datado.

O sr. *presidente* participou que a mesa tinha mandado imprimir uma porção de exemplares do projecto de estudos, que ultimamente tinha sido approved, com tenção de os fazer chegar ás mãos dos professores das escolas que foram consultadas pelo governo sobre a organização que entre nós se deva dar ao ensino pharmaceutico; e que se congratulava com a sociedade, por esta ter por medianeira, perante a escola medico-cirurgica do Porto, o sr. F. Moura, que de certo se havia de esforçar por conseguir que o plano de estudos, apresentado pela sociedade, fosse adoptado pelo conselho da escola, de que s. s.^a fazia parte.

O sr. *Correia* fallou no mesmo sentido, e pediu que a synonymia chimico-pharmaceutica do sr. Silva Vieira, ha pouco editada, fosse enviada á commissão de pharmacia para esta dar o seu parecer ácerca d'aquelle trabalho.

Approved.

O sr. *Sousa Martins* offereceu dois exemplares da sua these, apresentada e defendida em julho d'este anno, na escola medico-cirurgica de Lisboa, com o titulo— *O pneumogastrico preside á tonicidade da fibra muscular do coração.*

Recebidos com especial agrado.

ORDEM DO DIA

PROPOSTAS

Uma do sr. presidente, para que se requeira ao governo que seja nomeado um pharmaceutico para, na proxima exposição de Paris, estudar os productos pharmaceuticos, que lá forem exhibidos.

Foi declarada urgente e posta em discussão, depois de admitida a urgencia.

O mesmo senhor fez sentir, em um conciso discurso, as vantagens que de um tal estudo deviam resultar para a pharmacia portugueza, não só em relação ao seu credito scientifico, mas mesmo em relação aos seus interesses materiaes.

O sr. *Correia* apoiou a proposta, mas declarou que, no seu modo de ver, a sociedade devia primeiro escolher um individuo, que podesse ser encarregado d'essa commissão, dado o caso de o governo acceder aos desejos da sociedade.

O sr. *presidente* observou que a sociedade não tinha escolha alguma a fazer, por isso mesmo que não era ella quem havia de fazer a nomeação, mas que dada a hypothese de ser atendida e consultada a tal respeito, facilmente, e a todo o tempo, podia deliberar n'esse sentido.

Depois de mais alguma discussão entre o sr. *Correia* e outros oradores, que fallaram no sentido do sr. presidente, foi posta á votação a proposta, a qual foi approvada.

Como fossem onze horas da noite e não houvesse mais nada de urgencia a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão e deu para ordem do dia da immediata propostas, pareceres de commissões e segundas leituras. = O segundo secretario, *José Ribeiro Guimarães Drack.*

**MAPPA DA RECEITA E DESPEZA DO COFRE DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA
DE 1865 ATÉ 30 DE JUNHO DE 1866, NO TRIGE**

.RECEITA

Recebido de diferentes socios, trezentas e sessenta quotas, a réis 1\$200.....	432\$000
Idem da procuradoria regia da relação de Lisboa, importancia de seis analyses, a 24\$000 réis	144\$000
Idem de diversos socios, emprestimo feito ao cofre em dezembro de 1865.....	96\$000
Idem do ex-thesoureiro, pelo seu alcance.....	85\$200
Idem de Antonio Gomes Lima Guimarães, pela rescisão do contrato de arrendamento.....	48\$000
Idem de diplomas de socios, trinta e dois, a 1\$200 réis	38\$400
Idem de oito assignaturas de anno, e uma de seis mezes	12\$240
Idem de diversos socios, quotas a 200 réis, cincoenta e quatro..	10\$800
Idem de diversos socios, para estampilhas	2\$070
Idem da renda da loja, do segundo semestre de 1865.....	\$800
Idem da venda de um formulario.....	\$320
Idem de um jornal vendido.....	\$160

869\$990

Lisboa e thesouraria da sociedade pharmaceutica lusitana, aos 30 dias do
José Dionysio Correia = O vogal gerente, *Francisco José Rodrigues Loureiro* =

LUSITANA, A CARGO DA COMISSÃO GERENTE, DESDE 15 DE NOVEMBRO
SIMO PRIMEIRO ANNO DA SUA INSTITUIÇÃO

DESPEZA

Pelo que se pagou aos socios que fizeram o primeiro emprestimo á sociedade em 1861, e o segundo em dezembro de 1865, conforme os documentos.....	141\$000
Idem das rendas da casa, do segundo semestre de 1865 e do primeiro e segundo de 1866	136\$000
Idem ao laboratorio, com seis analyses.....	108\$000
Idem ao empregado, em nove mezes.....	90\$000
Idem na secretaria, em nove mezes	36\$030
Idem a Venceslau, pela renda da casa, segundo semestre	48\$000
Idem á imprensa nacional	25\$350
Idem ao secretario da commissão gerente, para estampilhas...	7\$500
Idem em papel e impressão de circulares.....	7\$200
Idem em papel de diversas qualidades.....	5\$150
Idem em um livro do papel inglez e vinte cadernos de papel almasso pautado	3\$680
Idem ao tabellião, por dois exemplares da escriptura de arrendamento	3\$580
Idem a Caetano Baptista Coelho, pela impressão de recibos e cartas	3\$000
Idem com diversos officios e cartas do Rio e Porto	2\$525
Idem ao thesoureiro do monte pio, quatro quotas de um socio no Porto	2\$400
Idem a Serzedello, pelo que de mais pagou de um socio	2\$400
Idem ao seguro da sociedade.....	2\$000
Idem por diversas encadernações.....	1\$500
Idem á lithographia, por umas circulares.....	1\$200
Idem na thesouraria e commissão de redacção.....	9\$450
	635\$965
Saldo em cofre para o futuro anno.....	234\$025
	869\$990

mez de junho de 1866.—Os membros da commissão gerente—O presidente,
O secretario, José Tedeschi.

MAPPA DA RECEITA E DESPEZA DO MONTE PIO PHARMACEUTICO, NA GERENCIA
ATÉ 30 DE JU

RECEITA	INSCRIPÇÕES	METAL
Recebido do anterior thesoureiro, como saldo do anno antecedente	3:800\$000	43\$010
Idem da junta do credito publico, os juros das inscrições de oito semestres		438\$000
Idem de Antonio Fernando da Costa, donativo ao cofre do monte pio		100\$000
Idem de Antonio Alves Ferreira, donativo ao cofre do monte pio		54\$000
Idem de sessenta e nove quotas de socios, a 600 réis		41\$400
Idem do cofre da sociedade pharmaceutica lusitana, o juro do primeiro semestre		9\$000
		655\$410

N. B. Existem em inscrições 4:800\$000 réis.

Emprestimo feito ao cofre da sociedade, por duas vezes, o primeiro em Lisboa e thesouraria do monte pio pharmaceutico, em 30 de junho de 1866.

Centro de Documentação Farmacéutica
da Ordem dos Farmacêuticos

DO TESOUREIRO JOSÉ FERREIRA DA SILVA, DESDE 2 DE OUTUBRO DE 1862
 NHO DE 1866

DESPEZA	
Despendido com as gratificações do empregado, mensalmente..	52\$800
Idem com a compra de dez inscripções de 100\$000 réis.....	484\$000
Idem com os novos projectos de estatutos e circulares ao socios para a reforma do monte pio	29\$800
Idem com a viuva do socio Joaquim Nunes Barbosa, pensão de seis mezes	18\$000
Idem com miudezas	\$680
	585\$280
Saldo em cofre	70\$130
	655\$410

8 de junho de 1861, e o segundo em 4 de junho de 1862 réis 219\$700.

= O thesoureiro, José Ferreira da Silva.

Centro de Documentação Farmacéutica
 da Ordem dos Farmacêuticos

NECROLOGIO

No dia 4 do corrente mez de dezembro de 1866 falleceu de antigos padecimentos, na idade de sessenta e oito annos, o nosso estimavel collega, estabelecido na cidade do Porto, o sr. Francisco Bernardo dos Santos, justamente reputado como um bom cidadão e chefe de familia, illustrado pharmaceutico, e que tanto concorreu para o ennobrecimento da pharmacia portugueza.

Era socio instituidor da sociedade pharmaceutica lusitana, á qual prestou sempre com a melhor vontade muitos e relevantes serviços, em virtude do que a mesma sociedade lhe conferiu os titulos de membro-honorario e benemerito.

Desempenhou por muitos annos, com todo o zêlo, o importante cargo de seu delegado n'aquella cidade, e citam-se no numero dos trabalhos respectivos a este cargo um importante relatorio por elle feito sobre aguas mineraes, minas, etc.

Dedicado ao exercicio da sua nobre profissão, jamais deixou de cultivar com primor a sciencia e a litteratura pharmaceutica, que amava com enthusiasmo.

Foi um dos redactores e proprietario do *Boletim de pharmacia e sciencias accessorias do Porto*. Traduziu varias e importantes obras, e outros artigos importantes que mereceram as honras da publicação no nosso jornal.

Escreveu e apresentou á sociedade uma importante memoria, contendo a estatistica das boticas do reino, trabalho que foi devidamente elogiado pela commissão nomeada pela sociedade para dar o seu parecer.

Apesar de não termos tido a fortuna de o conhecer pessoalmente, gostoso rendemos este testemunho de apreço á tão digno pharmaceutico, julgando pagar assim um tributo de gratidão pelo sentimento da perda de um socio tão prestante e laborioso, de um bom cidadão e chefe de familia.

Que Deus lhe dê a eterna recompensa destinada para os bons!

J. J. ALVES.

VARIÉDADES

Determinação do arsenico no sulphureto de arsenico, pelo sr. Graebe. — Para determinar a quantidade de arsenico contida no sulphureto de arsenico, operação que é necessario muitas vezes fazer para a dosagem do arsenico, o auctor serve-se de um licor titulado de iodo, como para a dosagem do acido arsenioso. Põe-se o sulphureto de arsenico em suspensão na agua, e junta-se carbonato de soda, depois uma porção de gomma de amydo e a solução titulada de iodo. É necessario evidentemente que o sulphureto de arsenico esteja bem desembaraçado de hydrogenio sulphurado.

A reacção tem logar segundo a equação:



ANNUNCIO AOS PHARMACEUTICOS

O nosso distincto collega, o sr. João José de Sousa Telles, vae emprehender a publicação de uns pequenos livros, sob a epigraphé *Encyclopedia popular*, como se vê do prospecto abaixo transcripto.

Entendemos que uma tal publicação é muito conveniente, e em França, empresas d'esta ordem têm dado os melhores resultados. Em Portugal porém, onde o numero dos *compradores* é infinitamente menor, é necessario que alguém proteja esta empresa nascente, e é de esperar que os pharmaceuticos a auxiliem, poisque assim auxiliam um membro illustre da sua classe.

Consta-nos alem d'isso que o sr. Telles tenciona depositar na caixa economica do monte pio geral as quantias que for recebendo dos assignantes de fóra de Lisboa, para levantar mensalmente, á proporção que forem saindo os livrinhos, as quantias correspondentes, resultando d'este expediente se-

gurança para os subscriptores ou assignantes, no caso não esperado de a todo o tempo se suspender a publicação.

Somos alheios á empreza, no entanto desejavamos sinceramente que ella prosperasse, e parece-nos que os nossos collegas se prestarão de boa vontade a coadjuva-la. = *Joaquim Urbano da Veiga.*

Encyclopedia popular. Leituras amenas, apropriadas a todas as idades, sexos, estados, profissões e intelligencias. Proprietario e editor, João José de Sousa Telles. — Publicar-se-ha cada mez um livrinho in-16.º, de sessenta e quatro paginas, pelo menos.

Collaboração dos primeiros escriptores de Portugal.

Conterá romancesinhos, contos, apologos, poesias, artigos para rir, e de physica, chimica, botanica, geologia, astronomia, economia politica, hygiene, medicina popular, moral, biographia, historia, etc., etc.

A religião e a moral serão profundamente acatadas.

Abstenção completa de politica partidaria.

É principalmente destinada esta encyclopedia ás senhoras, ás meninas, aos estudantes que frequentam os lyceus, collegios e escolas de instrucção primaria e secundaria, aos adultos que não frequentaram escolas, e a todas as pessoas que pretenderem instruir-se, recreando-se.

Preço de cada livrinho 50 réis.

Os assignantes de Lisboa pagarão no acto da entrega de cada livrinho ou, querendo, adiantadamente como os das provincias.

Os assignantes das provincias enviarão a quantia de 300 réis, importancia do primeiro semestre, mais 60 réis para estampilhas (dinheiro ou estampilha do correio) em carta franca de porte ao proprietario e editor, calçada de Sant'Anna, n.º 153, 2.º andar, ou á livraria catholica, rua dos Capellistas, n.º 75, onde se vende.

A fim de que a publicação possa começar em janeiro, pede-se ás pessoas, a quem forem enviados estes prospectos, o obsequio de devolve-los com a possivel brevidade.

INDICE ALPHABETICO

DAS

MATERIAS CONTIDAS N'ESTE TOMO

A

Acido benzoico (sobre um novo modo de preparação do). 174.
Acido phenico alcoolisado. 66.
Acta da sessão solemne anniversaria de 24 de julho de 1866. 178, 211 e 255.
Actas (extracto das) das sessões litterarias da sociedade, desde 29 de novembro de 1865 até 12 de setembro de 1866. 7, 33, 72, 110, 144, 175, 267, 289 e 299.
Agua creosotada. 66.
Agua hemostatica. 66.
Agua mercurial negra. 66.
Agua phenica. 106.
Aguas sulphúricas. 194.
Analyse de um deposito encontrado no fundo do pote que continha agua, de que fazia uso Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia. 245.
Anesthesico (novo) do gaz nitroso empregado em New-York. 80.
Anuncios. 19, 196, 243, 272 e 307.
Assucar camphorado e carvão vegetal. 67.
Assucar camphorado e quina. 67.
Avisos aos nossos consocios. 19, 40 e 127.

B

Banho de arnica. 86.
Banho geral amydonado. 83.
Banho geral com acido phenico alcoolisado. 85.
Banho geral com arseniato de soda. 86.
Banho geral gelatinoso. 86.
Banho geral com sublimado corrosivo. 87.

C

Cataplasma calmante e resolvente. 87.
Cataplasma de linhaça com belladona. 87.
Cataplasma de linhaça com cicuta. 104.
Cataplasma de linhaça com opio. 104.
Cataplasma de polpa de peros com belladona. 104.
Causas da decadencia da pharmacia entre nós, e os meios de as evitar ou destruir, pelo sr. J. U. Veiga. 229.
Cerato opiado. 88.
Chronologia de todas as leis, alvarás, decretos, portarias, editaes,

- etc., relativos aos pharmaceuticos, desde a fundação da monarchia portugueza (continuação), pelo sr. J. D. Correia. 29 e 206
- Collecção de formulas medicamentosas, pelo sr. L. A. Correia. 66, 85 e 104.
- Collodio ferruginoso de Reveil. 166.
- Collutorio (bochecho) de borax. 87.
- Collutorio de chlorato de potassa. 88.
- Collutorio de iodato de potassa. 88.
- Collyrio de acetato de zinco. 83.
- Collyrio de belladona e nitrato de prata. 86.
- Collyrio de iodureto de potassio composto. 86.
- Collyrio de iodureto de potassio iodado. 88.
- Collyrio mydriatico. 87.
- Composição das sementes do maíz. 292.
- Consulta do conselho de saúde publica do reino, acerca dos preparados de Grimault. 30.
- Cultura das plantas que dão a quina, pelo sr. B. Barros Gomes. (continuação). 3. 21, 41, 61, 81, 101, 140, 157, 201, 248, 273 e 293.
- Curarina, pelos srs. Boussingault e Roselin. 80.
- tado da India (continuação). 206.
- Descoberta de um novo veneno. 126.
- Determinação do arsenico no sulphureto de arsenico, pelo sr. Graebe. 307.
- Discurso lido pelo presidente, o sr. Joaquim José Alves, na sessão solemne anniversaria de 24 de julho de 1866. 253.
- Doadores (lista dos) e dos objectos dados durante o trigésimo primeiro anno da sociedade. 213.

E

- Effeitos (sobre os) physiologicos da curarina, pelo sr. C. Bernard. 100.
- Electuario de copaiva composto. 105.
- Electuario de dôlichos pruriens. 105.
- Electuario expectorante. 299.
- Electuario de kousso e jalapa. 105.
- Electuario de quina e enxofre. 298.
- Encyclopedia popular (annunciada), publicação do sr. João José de Sousa Telles. 307.
- Estatistica da primeira secretaria da sociedade em 1866. 228.
- Ether hemostatico. 195.
- Extracto da carne. 194.

D

- Decreto de 10 de abril de 1865, nomeando a José Antonio da Costa Faria pharmaceutico de Angola. 32.
- Decreto de 10 de abril de 1865, nomeando Thimoteo José Rodrigues Avelino pharmaceutico de Angola. 33.
- Decreto de 21 de abril de 1865, nomeando a José das Neves e Sousa pharmaceutico de Moçambique. 33.
- Decreto de 11 de outubro de 1865, approvando o regulamento da escola medico-cirurgica do es-

F

- Fallecimento do sr. José Joaquim de Sousa Pereira, pharmaceutico e facultativo. 80.
- Formação do tartaro emetico pela reacção do antimónio crú com o cremor de tartaro, pelo sr. D. G. de la Puerta. 292.

G

- Gazeta de pharmacia e applicações das sciencias ás artes, agricultura e commercio de drogas,

redigida pelo sr. P. J. Silva. 243.

Glycerolado adstringente de Reveil. 165.

H

Haverá muitos corpos simples ou um só? Trabalho do sr. D. J. S. O. Sousa. 67, 89, 106 e 169.

I

Injecção de perchlorureto de ferro de Kiwisch. 167.

L

Limonada ferrica de Reveil. 168.
Linimento calmante. 105.

Lista dos doadores e dos objectos doados durante o trigésimo primeiro anno da sociedade. 213.

Lista dos pharmaceuticos portuguezes premiados na exposição internacional do Porto, em 1865. 99.

Loção pecten contra o eczema. 299.

Look adoçante. 106.

Look de oxidureto de antimónio. 299.

M

Mais (composição das sementes do). 292.

Mappa da receita e despeza do monté pio pharmaceutico, desde 2 de outubro de 1862 até 30 de junho de 1866. 304 e 305.

Mappa da receita e despeza da sociedade, no trigésimo primeiro anno da sua instituição. 302 e 303.

Melaço (sobre a produção do) na extracção do assucar de heter-raba, pelo sr. Stammer. 18.

Memoira sobre o uirary ou curare, pelo sr. dr. F. S. Castro, do Pará. 129.

Modo de verificar a presença do

chloroformio, e exame dos oleos ethereos misturados com chloroformio, pelo sr. Hagor. 126.

N

Necrologio do sr. Francisco Bernardo dos Santos, pharmaceutico no Porto. 306.

O

Offerta á sociedade. 195.

Officio dirigido á sociedade pharmaceutica lusitana pelos alumnos de pharmacia da escola medico-cirurgica do Porto. 91.

P

Pafacusomay. 126.

Parecer da commissão *ad hoc* acerca do valor scientifico da memoria sobre o curare, offerecida á sociedade pelo sr. dr. F. S. Castro. 118.

Phosphato de alumina hydratado (sobre um noyo) recolhido em tumulo celtico do Morbihan, pelo sr. M. A. Damour. 54.

Pilulas de proto-iodureto de ferro inalteravel, pelo sr. M. V. Jesus (annunciação). 20.

Poção anti-hemorrhagica de Piorry. 165.

Poção de perchlorureto de ferro de Reveil. 167.

Pomada de perchlorureto de ferro de Devergie. 165.

Pomada de perchlorureto de ferro de Yvoneau. 167.

Portaria de 17 de março de 1865, mandando prohibir a venda dos medicamentos preparados por Grimault. 29.

Preços de algumas especialidades preparadas na pharmacia Avelar. 272.

Preparação da anemonina. 195.

Principio activo do curare. 80.

Produção (sobre a) do melaço na

- extração do assucar de heteraba, pelo sr. Stammer. 18.
 Programma das questões scientificas para o trigesimo segundo anno da sociedade. 211.
 Promoção. 195.

Q

- Quadro da sociedade pharmaceutica lusitana, em 24 de julho de 1866. 219.
 Questões scientificas (programmadas) para o trigesimo segundo anno da sociedade. 211.

R

- Regulamento para o premio Ernesto Godard. 16.
 Relatorio dos trabalhos da sociedade, feito na sessão solemne anniversaria de 24 de julho de 1866. 179.
 Representação da sociedade contra um exame illegal de pharmacia, feito em Loanda. 59.
 Representação dirigida á camara dos senhores deputados da nação pelos alumnos de pharmacia da escola medico-cirurgica do Porto, Lisboa e universidade de Coimbra, pedindo a regularisação e uniformidade dos estudos pharmaceuticos. 92.
 Representação da sociedade dirigida á camara dos senhores deputados da nação, pedindo que aos pharmaceuticos das provincias ultramarinas se concedam todas as vantagens e recompensas que se conferem aos facultativos. 125.
 Representação da sociedade dirigida ao governo, pedindo a approvação de um artigo adicional aos estatutos. 98.
 Representação da sociedade dirigida ao governo, pedindo a regularisação do ensino pharmaceutico. 123.
 Representação da sociedade ao conselho de saude publica do

reino, pedindo a alteração (em tempos de epidemia) do alvara de 22 de janeiro de 1810 e do edital de 20 de setembro de 1853. 39.

- Resumo do balanço geral da receita e despeza do monte pio pharmaceutico. 301 e 305.
 Resumo do balanço geral da receita e despeza da sociedade. 302 e 303.

S

- Serpente de Pharaon. 60.
 Sessão solemne anniversaria de 24 de julho de 1866. 178, 211 e 255.
 Sessões litterarias da sociedade (extracto das actas das), desde 29 de novembro de 1865 até 12 de setembro de 1866. 7, 33, 72, 110, 144, 175, 267, 289 e 299.
 Sobre um novo modo de preparação do acido benzoico. 174.
 Sociedade anatomica de Paris.
 Regulamento para o premio Ernesto Godard. 16.
 Solução para loções de Rodet. 168.
 Synonymia chimico-pharmaceutica, pelo sr. A. S. Vieira. 80.

T

- Tabella de redução dos pesos antigos aos do novo systema metrico-decimal, adoptado por decreto de 13 de dezembro de 1852. 197.
 Tintura de ammonio-chlorureto de ferro. 165.
 Tintura de sesqui-chlorureto de ferro. 166.
 Topico contra o cancro, por Rodet. 168.

X

- Xarope de perchlorureto de ferro de Deleau. 165.
 Xarope de phellandrio composto, Rosa. 243.



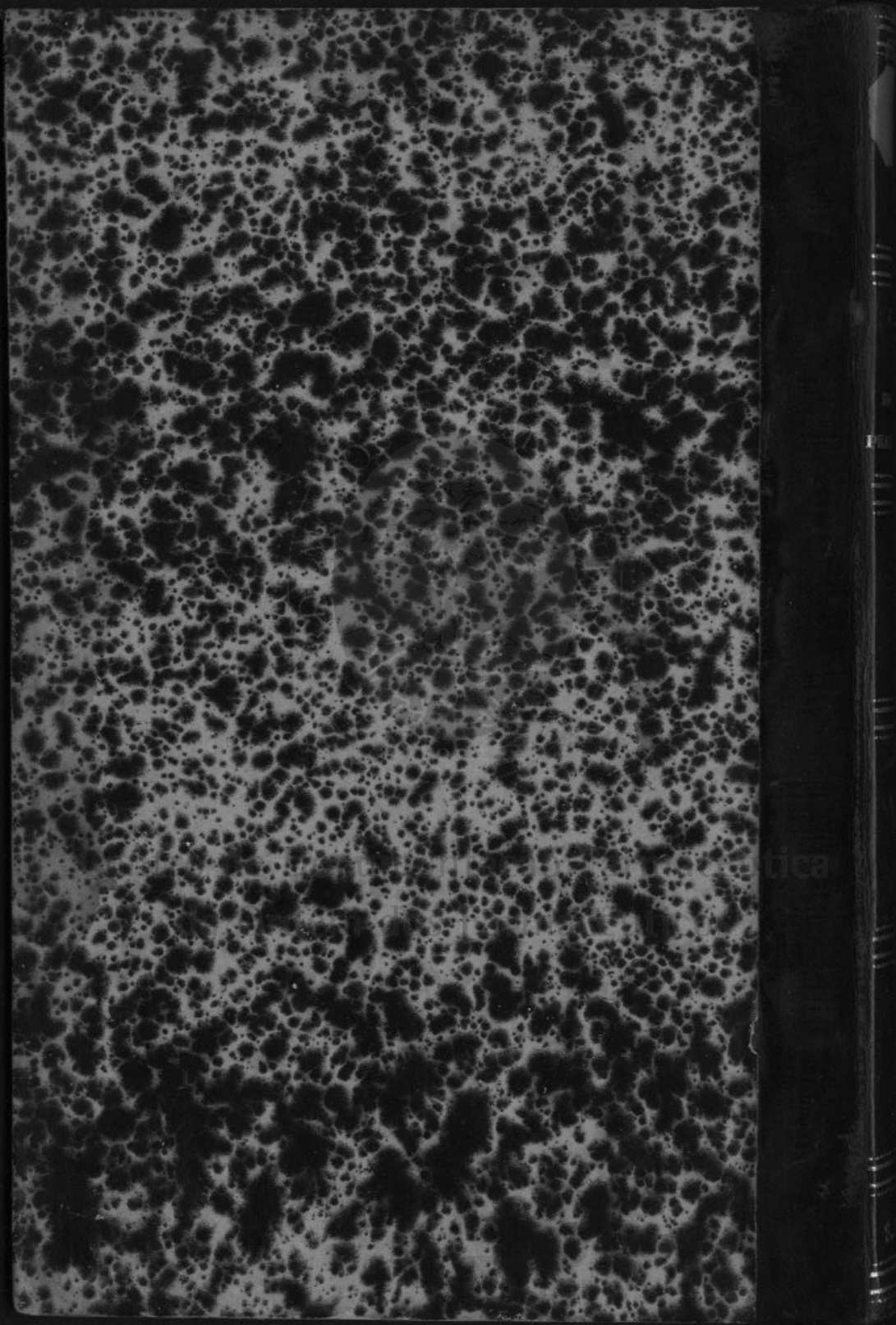
Centro de Documentação Farmacéutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Arquivo de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



JOENAL

DA

SOCIEDADE

PHARMACEUTICA

1835

1866

S. PH. L.